



O TROCO DO REAL: UM ESTUDO DAS REPRESENTAÇÕES DE TIRADENTES NA NUMISMÁTICA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA¹

Heitor de Andrade Carvalho Loureiro²

Mestrando em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
(PUC-SP)

Resumo: O estudo tem por finalidade analisar as representações de Francisco José da Silva Xavier (Tiradentes) na numismática brasileira, principalmente na moeda do Real. Pretendemos traçar um histórico da evolução da iconografia do mártir na moeda nacional.

Palavras-chave: Tiradentes, moeda, dinheiro.

Abstract: This paper analyzes the representations of Francisco José da Silva Xavier (Tiradentes) in the Brazilian numismatics, mainly in the coin of Real. It will be done a historical evolution about the martyr's iconography in the national money.

Keywords: Tiradentes, coin, money.

1. APRESENTAÇÃO

No dia 22 de abril de 2000, o país parou graças a uma gigantesca campanha midiática, para celebrar os 500 anos do descobrimento do Brasil. Vários eventos foram promovidos de norte a sul, com *status* de festa cívica sem precedentes na história recente brasileira. A mídia explorou ao máximo esta invenção patriótica que tomou conta desde as metrópoles até os rincões mais ermos do Brasil. Depois disto, o dia 22 de abril voltou ao seu lugar de costume: o esquecimento.

Um dia antes, porém, o país está paralisado por um feriado. O dia 21 de abril, dia de Tiradentes, é desde 1890, feriado nacional³ em memória a um líder revoltoso provincial que foi alçado a herói nacional. É emblemático que o dia de Tiradentes tenha um *status* maior no calendário cívico brasileiro do que a data convencionada como a do

¹ Agradeço a Prof^ª. Dr^ª. Maraliz de Castro Vieira Christo pelas orientações que nortearam esse texto.

² Graduado em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora e mestrando em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

³ CARVALHO, José Murilo de. **A Formação das Almas:** o imaginário da República no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 64.



descobrimiento do Brasil. É o herói republicano fagocitando os outros acontecimentos do país.

Diariamente, milhões e milhões de brasileiros carregam consigo uma representação iconográfica de Tiradentes e não se lembram. Muitos sequer percebem que tem em poder um símbolo criado, aperfeiçoado e reproduzido durante mais de cem anos. O nosso herói nacional [sic], quase um semideus dotado de onipresença em nosso cotidiano, tem a sua effigie estampada na moeda de cinco centavos do real.

Neste sentido, o presente trabalho pretende indicar os caminhos percorridos pela imagem de Tiradentes no numerário nacional – moedas e cédulas – até a moeda de cinco centavos de Real, último suporte em que o mártir nacional foi estampado.

Para José Murilo de Carvalho⁴, Tiradentes “venceu” uma disputa entre vários personagens históricos de destaque para simbolizar o herói nacional. Joaquim José da Silva Xavier, ou melhor, o agora herói Tiradentes, tinha as qualidades e defeitos que eram necessários para ocupar tal cargo honroso. Assim, a partir dos anos 1870, começa-se um trabalho por parte dos republicanos para resgatar a memória do conjurado em prol das ideias republicanas, aproveitando uma política do silêncio do Império sobre as revoltas coloniais⁵. É neste contexto que várias obras pictóricas representando o novo herói são encomendadas dos principais artistas brasileiros do momento. Cria-se assim um modelo interpretativo iconográfico da Conjuração Mineira⁶ e do papel desta para a história brasileira.

O nosso objetivo é, no limite, tentar identificar rupturas e continuidades na representação iconográfica do herói. Das primeiras representações de Tiradentes no dinheiro até a figura estampada na moeda de cinco centavos de Real, o que permanece? O que muda? O que caracteriza Tiradentes enquanto mártir? E enquanto herói? O que significa a figura dele estar exatamente na moeda de cinco centavos? Quais são as figuras históricas nas outras moedas? Qual é a lógica que ordena a cunhagem de tal

⁴ CARVALHO, J. M. op. cit.

⁵ Ibid., pp. 57-59.

⁶ Kenneth Maxwell utiliza o termo “Conjuração” ao invés de “Inconfidência”, por acreditar que o segundo denota uma revolução frustrada, não uma repressão bem sucedida, como foi o caso do movimento em questão. MAXWELL, Kenneth. **A Devassa da Devassa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 5ª ed, 2001, p. 389.



moeda? Em linhas gerais, estas são algumas indagações que pretendemos responder ao final da breve pesquisa que aqui se inicia.

Refletir sobre mitos e símbolos dispensa qualquer justificativa. Estes, erguidos a um propósito político, devem ser sempre estudados a fim de compreender o papel deste símbolo em um determinado processo. Para José Murilo de Carvalho “um símbolo estabelece uma relação de significado entre dois objetos, duas ideias, ou entre objetos e ideias, ou entre duas imagens”⁷. Assim, por mais que haja estudos focados em Tiradentes e em sua importância heróica – ou não – para a história do Brasil, novas pesquisas com abordagens dispersas somam-se a um esforço de compreensão que deve ser inesgotável. Questionar sobre uma moeda que ainda circula, que não está exposta em museus protegida por vidros e alarmes, tem um propósito simples: mostrar que antigas construções político-históricas permeiam nosso cotidiano e nós as digerimos sem ter a dimensão exata do esforço de décadas para sustentá-la.

Entretanto, uma criação não está descolada do espaço e do tempo. Assim, precisaremos recuar até as representações de Tiradentes fora do numerário para contextualizar o nosso objeto de análise. Desta forma, este projeto justifica-se na medida em que faremos o que acreditamos ser acertado para o estudo da história: uma análise do passado para ressignificar criticamente o presente.

Seguindo a metodologia de Maraliz Christo⁸, identificaremos as representações mais famosas do objeto de análise, para compreender em perspectiva comparada as continuidades e rupturas na representação iconográfica de Tiradentes.

2. A CRIAÇÃO DE UM HERÓI NACIONAL

Antes da historiografia, foi a literatura que refletiu sobre a Conjuração Mineira⁹. A obra de Joaquim Norberto¹⁰ foi seminal nesse sentido, ao jogar luzes sobre

⁷ CARVALHO, J. M. op. cit., p. 13.

⁸ CHRISTO, Maraliz de Castro Vieira. “Algo além do moderno: a mulher negra na pintura brasileira no início do século XX”. In: **19&20**, Rio de Janeiro, v. IV, n.2, abr. 2009.

⁹ CARVALHO, J. M. op. cit., p. 60.

¹⁰ NORBERTO, Joaquim. **História da Conjuração Mineira**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 1873.



os autos da devassa da Inconfidência Mineira¹¹, até então desconhecidos. A aura que emanava dos documentos inéditos incidia sobre a mente positivista de Norberto que, fascinado pelo poder do documento, reinterpreto a história do movimento e deu os contornos que sedimentariam por muitos anos o que entendemos por Conjuração.

De acordo com Norberto, o movimento apresentava uma fragilidade que dificilmente seria contornada a ponto dos conjurados atingirem seus objetivos. O líder, para o autor do século XIX, não era o alferes, mas sim Tomás Antônio Gonzaga¹². A mudança do eixo da liderança do movimento seria dada pelos republicanos, na década de 1890, contra os quais Norberto escrevera sua obra, conforme José Murilo de Carvalho¹³ argumenta. É essa visão de Norberto que predominaria nas pinturas e representações sobre Tiradentes por longos anos, seja na litografia de Décio Villares¹⁴ seja no “Tiradentes Esquartejado”, de Pedro Américo¹⁵.

A atitude piedosa de Tiradentes em não envolver os companheiros como responsáveis pelo “levante” foi amplamente utilizada para denotar uma aura heróica ao personagem histórico que, mesmo diante das privações e dificuldades, tem na sua grandeza de espírito um motivo para não entregar àqueles que conjuravam consigo:

*Que é verdade, que se premeditava o levante, que ele Respondente confessa ter sido quem ideou tudo, sem que nenhuma outra pessoa o movesse, nem lhe inspirasse coisa alguma, e que tendo projetado o dito levante, o que fizera desesperado, por ter sido preterido quatro vezes [...]*¹⁶

Assim, Tiradentes combinava motivações pessoais com razões de maior alcance, para deixar se levar pela ideia de iniciar um levante contra a Coroa. Para o alferes, os que aqui habitavam, em consonância com a Metrópole, não sabiam como administrar as riquezas “desta América”:

¹¹ AUTOS DE DEVASSA DA INCONFIDÊNCIA MINEIRA. Brasília/Belo Horizonte: Câmara dos Deputados/Governo do Estado de Minas Gerais, 1982.

¹² CARVALHO, J. M. op. cit., p. 64.

¹³ Ibid., p. 57 e 62-64.

¹⁴ Ibid., p. 65.

¹⁵ CHRISTO, M. **Pintura, história e heróis no século XIX**: Pedro Américo e “Tiradentes Esquartejado”. Campinas: Tese de doutoramento, UNICAMP, 2005.

¹⁶ AUTOS DA DEVASSA... op. cit., p. 32.



[...] porque tendo ele chegado da Inglaterra, e indo ele Respondente visitá-lo em razão de ser cunhado do seu tenente-coronel, falaram sobre os conhecimentos, que o dito José Álvares Maciel tinha adquirido a respeito de manufaturas e mineralogia, dizendo que os nacionais desta América não sabiam os tesouros que tinham, e que podiam aqui ter tudo se soubessem fabricar [...]¹⁷

Dessa forma, o depoimento contido nos Autos foi alinhavado cuidadosamente para caber no molde republicado fabricado na década de 1890, para os quais Tiradentes seria um grande herói, mártir da Independência do Brasil.

Entretanto, análises historiográficas mais recentes que se debruçam sobre a Conjuração com outros olhares, trazem uma leitura bastante diferenciada do movimento. Para Kenneth Maxwell, os conjurados intentavam fundar uma república com capital em São João Del Rey, que teria Tomás Antônio Gonzaga como primeiro presidente¹⁸. Nessa nova república, os escravos seriam libertados e uma universidade seria fundada, como primeiros gestos do nascer de um Estado moderno e antagônico àquela monarquia repressora que existia.

Segundo Maxwell, o *modus operandi* do levante seria da seguinte forma:

Os conspiradores esperaram que a derrama fosse imposta em meados de fevereiro. Contando com a inquietação geral do povo, eles se propunham a instigar um motim sob cuja cobertura, e com a conivência dos Dragões, o governador seria assassinado e se proclamaria uma república independente. O alferes Silva Xavier deveria provocar a agitação em Vila Rica; teria auxílio de companheiros que chegariam antecipadamente à cidade em pequenos grupos, com as armas escondidas debaixo dos casacos. Quando os Dragões fossem convocados para enfrentar a multidão, Freire de Andrade deveria atrasar-se até que o alferes tivesse partido à caça dos Barbacenas em Cachoeira do Campo. Introduzindo-se na escola do governador, ele prenderia e executaria o visconde de Barbacena, voltando então para Vila Rica. O coronel Freire de Andrade, à frente dos Dragões, faria face à multidão perguntando-lhe o que pretendia. E o alferes Silva Xavier, mostrando a cabeça do governador, bradaria que queriam a liberdade. A seguir, seria proclamada a República e lida uma declaração de independência¹⁹.

¹⁷ AUTOS DA DEVASSA... op. cit., p. 33.

¹⁸ MAXWELL, K. op. cit. p. 405.

¹⁹ Ibid., p. 402.



Em suma, o movimento em que Tiradentes estava envolvido foi muito distante da construção dos republicanos no século XIX. Assim, a disputa pela memória do personagem é travada até hoje, nos mais diversos campos. A seguir, veremos como foi essa campanha no numerário brasileiro.

3. A CÉDULA DE CINCO MIL CRUZEIROS (1963-1974)

A primeira representação da figura de Tiradentes na moeda corrente brasileira foi em uma cédula de papel. A cédula de cinco mil cruzeiros (Figura 01) circulou entre 09 de Agosto de 1963 a 30 de Junho de 1974²⁰, seguindo o padrão desta família de notas, cujas efígies eram dedicadas a personalidades históricas no anverso, e no reverso vinha reproduzida uma pintura de história relacionada com o personagem.

Sendo a primeira veiculação da imagem de Tiradentes em 1963 na referida nota, podemos inferir que a sua representação é tardia na numismática brasileira, se refletirmos que há anos já havia uma cultura e tradição de personalidades e heróis nacionais e o culto ao alferes como herói republicano começa na década de 1890.

No anverso, embora esteja representado com barba e cabelos longos que denotam desleixo nas privações do cárcere, Tiradentes está trajando um paletó. O corpo está voltado para um lado e a cabeça para o outro, mantendo o olhar no horizonte, no futuro, como é comum em representações de Francisco José da Silva Xavier. A representação do reverso é o quadro “Tiradentes ante o carrasco”, por Rafael Falco, de 1941 (Figura 02). Nessa pintura, Tiradentes, de peito nu, encara nos olhos o negro que lhe acorrentaria, à frente de um padre. Segundo a historiografia tradicional, Tiradentes beijou as mãos do negro, compondo assim o seu caminho rumo ao martírio (Figura 03). O hábito de reproduzir pinturas de História nas cédulas inicia-se em 1943, mas sem conter as referências autorais²¹.

Nessa efígie, a barba e os cabelos longos de Tiradentes, embora denotem o sofrimento no cárcere, não estão mal apresentados, de forma desganhada. Destarte,

²⁰ <http://www.bcb.gov.br/htms/museu-espacos/cedulas/CR42.asp?idpai=cedbrlista%20#CR5000>, acesso em 09/07/2010. Embora o *site* date a nota como sendo de 1942, sua primeira estampa é de 1963. MILLIET, Maria Alice. **Tiradentes: o corpo do herói**. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 189.

²¹ GOMES, Ângela de Castro & KORNIS, Mônica Almeida. “Com a moeda no bolso: moeda e a República no Brasil”. In: **Seminário Internacional “O Outro Lado da Moeda”**. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2001, pp. 118-119.



podemos inferir que havia a necessidade de uma imponência do personagem para que ele fosse representado naquele lugar nobre. Assim, a representação de Tiradentes enquanto mártir, apresentando seu sofrimento e chagas, não era conveniente.

Diante da leitura de Maria Alice Milliet, podemos perceber que a imagem que foi reproduzida na efígie do reverso da cédula é a mesma que ornou as paredes do Clube Tiradentes desde abril de 1885²². O *crayon* anônimo intitulado “O Tiradentes, precursor da Independência do Brasil” (Figura 04) serviu ainda de modelo para a representação do herói na *Revista Illustrada* de 26 de abril de 1890 no desenho de Ângelo Agostini, republicano de primeira hora e entusiasta da imagem e da heroicidade de Tiradentes²³. Na efígie da cédula, entretanto, não aparece o elemento “corda”, reforçando o que já falamos acima sobre a não-conveniência da apresentação do martírio naquele espaço.

Comparando o anverso com o reverso da cédula, podemos perceber que as imagens de Tiradentes apresentam divergências. O artista anônimo da efígie do anverso dialoga pouco com a obra de Falco, diferenciando o seu Tiradentes no que tange à barba e o cabelo (Figura 05). Entretanto, os tipos físicos não são tão discrepantes.

4. A MOEDA DE CINCO MIL CRUZEIROS (1992)

Se já consideramos a representação tardia do herói aqui analisado na cédula supracitada, é mais emblemático ainda o fato de que Tiradentes só volta ao numerário nacional dezesseis anos depois, em uma moeda comemorativa ao bicentenário de sua morte (Figura 06). Tal hiato da representação do herói pode ser atribuído à nova tendência da Casa da Moeda do Brasil em veicular nas cédulas, novos tipos de personalidades, atrelados às artes e as ciências nacionais²⁴.

Pois bem, na moeda em tela podemos observar no seu anverso a impressão do valor “5000 cruzeiros” e do dístico “Brasil”. Ambos os elementos são emoldurados por uma corda, alegoria do martírio de Tiradentes. Entretanto, a corda está sem um nó ou

²² MILLIET, M. A. op. cit., p. 189.

²³ Ibid., pp. 187-188.

²⁴ GOMES, A. & KORNIS, M. op. cit., p. 126.



laço, o que denota liberdade e a vitória do herói sobre aquele objeto que representou a capitulação do movimento que ele integrava.

No reverso, os traços que desenham a efígie são grossos, principalmente nos cabelos, sobrancelhas e barba, o que dá a impressão de um maior sofrimento do personagem. Ele está quase de perfil, sem mostrar a face direita de seu rosto. O olhar é duro e penetrante, mirando o horizonte, sem um ar de súplica. O rosto é emoldurado por um triângulo abaulado formado pelas palavras “Liberdade, cidadania, Tiradentes”, atrelando ao “herói” a responsabilidade por essas conquistas. O triângulo aparece como distintivo da Conjuração Mineira, símbolo tradicionalmente atribuído ao movimento. Foram cunhadas 10 milhões de unidades dessa moeda²⁵.

A imagem de um Tiradentes mais desleixado, mais sofrido diante das privações do cárcere, representadas pelo cabelo e barba, se aproxima de alguma forma da litografia de Décio Villares, de 1890 (Figura 07), onde a barba se apresenta mais desgrenhada, assim como na pintura de Rafael Falco (Figura 02).

Nesse caso, a figura de Tiradentes está veiculada em uma moeda que, embora seja corrente, é comemorativa. Ou seja, Tiradentes saiu da circulação vulgar em uma cédula e passou para o espaço comemorativo de uma moeda mais restrita.

5. A MOEDA DE CINCO CENTAVOS DO REAL (1998...)

Chegamos aqui ao cerne dessa breve abordagem. O Plano Real, instalado em 1º de julho de 1994 durante o governo Itamar Franco, teve como norte uma política para a América Latina do Banco Mundial como o intuito de conter a inflação que assolava há anos essa parte do mundo. A demanda social para uma solução rápida ao problema inflacionário fez com que o governo implementasse o Plano o mais rápido possível, o que foi possível através da cunhagem de uma família de moedas provisória. Nas palavras de Carlos Eduardo Tavares, um dos idealizadores das moedas do Real:

www.veredasdahistoria.com

²⁵ Diâmetro: 31 mm - Peso: 9,95 g - Espessura: 1,9 mm - Aço inox.
<http://www.portaldascolecoes.com.br/product_info.php?products_id=815>, acesso em 08/07/2010.



Com as moedas metálicas, o que aconteceu? Da mesma forma que houve dificuldades pela falta de prazo hábil, a gente fez moedas de aço inoxidável, como se fazia na ocasião, porque com a inflação não valia a pena se investir em nada mais sofisticado do que moedas de aço inoxidável, todas tinham a mesma cara, todas eram muito parecidas, e fizemos aquilo com a absoluta certeza que era uma família transitória, que ela seria mudada em muito pouco tempo²⁶.

Assim, em 1998, diante da grande insatisfação popular diante daquelas moedas prateadas de difícil distinção em uma análise rápida que o uso cotidiano requer, o Banco Central e a Casa da Moeda do Brasil lançaram a segunda família das moedas do Real. Para tanto, foi realizado um concurso aberto à sociedade para a escolha do design da nova família, para que a ideia emanada da sociedade fosse a escolhida para a própria utilizar²⁷.

Entretanto, o projeto vencedor na consulta popular feito pelo Banco Central foi o pensado pela própria equipe da Casa da Moeda do Brasil²⁸, que trazia no reverso das moedas os heróis nacionais que já haviam sido veiculados anteriormente no numerário nacional. Para Glória Dias, uma das projetistas da segunda família:

Então, quando a gente fez esse trabalho de pesquisa popular, nós identificamos que o povo brasileiro estava carente de heróis. Carente de imagens que reforçassem a ideia do valor da história brasileira. Recentemente havíamos passado pela experiência de um impechman [sic], então o sonho de muitos brasileiros, depois de uma eleição direta, tinha ido... (...) A auto-estima, a moral [sic] do brasileiro estava baixa em função disso. Era um momento apropriado para que o público visse, no seu dinheiro, aquelas figuras incontestes da história, aqueles que não têm mais como mudar a própria história.

A História é divulgada nas escolas e é ensinada como sendo a história do Brasil. Coincidentemente nos avizinhamos do aniversário dos 500 anos do país, então porque [sic] não uma moeda para cada século, levantando o acontecimento principal?²⁹ [os grifos são nossos].

²⁶ Apud: SILVA JR., Amaury Fernandes da. **Uma Etnografia do Dinheiro**: os projetos gráficos de papel-moeda no Brasil após 1960. Rio de Janeiro: tese de doutorado, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2008, p. 263.

²⁷ SILVA JR., A. op. cit. p. 265

²⁸ Kátia Maria de Abreu Dias, Luciano Dias de Araújo e Glória Aparecida Ferreira Dias. Ilustrações de Álvaro Alves Martins.

²⁹ Apud: SILVA JR., A. op. cit. p. 266.



VEREDAS DA HISTÓRIA

1º Semestre de 2011
www.veredasdahistoria.com

Ano IV - Ed. 1 - 2011
ISSN 1982-4238

Podemos perceber na fala da projetista um atrelamento à história clássica, tradicional, triunfal do Brasil que, embora seja distante da realidade da maioria dos brasileiros, emanou da sociedade a volta dos heróis as moedas. Em artigo ao jornal Folha de São Paulo, o filósofo Renato Janine Ribeiro identificou nesse movimento um empobrecimento da nossa história³⁰.

A segunda família do Real segue uma lógica que reúne cronologia e valor de uma forma direta. Quanto mais distante do presente e da República atual, menor é o valor e o tamanho da moeda³¹. Assim, o personagem da moeda de um centavo é Pedro Álvares Cabral; em seguida, temos Tiradentes; D. Pedro I; Marechal Deodoro da Fonseca; Barão do Rio Branco; até chegarmos à triunfante efígie da República na moeda mais valiosa: de um real. Ou seja, há uma ideia de evolução histórica no Brasil, que aumenta de valor até chegar ao coroamento da história nacional.

A moeda de cinco centavos de Real³² traz no anverso (Figura 09) a imagem de Tiradentes como em um busco esculpido, com o ombro esquerdo levemente à frente, representado de barba e cabelos longos, como é comum. Sua face é mostrada por inteira, não de perfil. O olhar está voltado para a sua direita, mirando um horizonte e um futuro. Compõe a imagem uma pomba saindo de um triângulo, como se a “paz” nascesse do movimento dos Conjurados. Devemos ressaltar aqui também a ausência da corda em volta do pescoço do personagem. O Banco Central explica da seguinte forma a moeda:

*Efígie de Joaquim José da Silva Xavier (1746-1792), que, condenado à força em decorrência de sua participação no movimento pela independência, denominado Inconfidência Mineira, é hoje reverenciado como herói e patrono cívico da nação brasileira. Sua imagem está ladeada pelo dístico "Brasil" e por motivos alusivos à Inconfidência Mineira - o triângulo da bandeira dos inconfidentes, sobreposto por pássaro que representa a liberdade e a paz*³³ [grifos nossos].

Podemos perceber o quão tributária é da historiografia clássica a percepção que o Banco Central tem da história brasileira. Referindo-se à Tiradentes como herói que

³⁰ Apud: GOMES, A. & KORNIS, M. op. cit. p. 132.

³¹ Exceção feita à moeda de R\$ 0,10, que é menor do que a de R\$ 0,05.

³² 22,00mm diâmetro; 4,10g peso; 1,65mm espessura; bordo liso; Aço revestido de cobre. <<http://www.bcb.gov.br/?MOEDAFAM2>>, acesso em 08/07/2010.

³³ Idem.



lutou pela independência brasileira em um movimento rotulado como inconfidente, vemos que a noção que chega à sociedade acerca da história da Conjuração Mineira e do papel de Tiradentes ainda é refém daquela estruturação positivista-republicana explicada por José Murilo de Carvalho³⁴. Do ponto de vista da numismática, nós continuamos a compreender e a contar a nossa história da mesma forma a mais de um século.

De acordo com a nossa análise, a efígie de Tiradentes na moeda de cinco centavos de Real é uma citação da efígie da cédula de cinco mil cruzeiros, com alguns elementos da representação contida na moeda de mesmo valor. Se colocarmos as efígies lado a lado (Figura 10), perceberemos que entre a moeda do Real e a cédula de Cruzeiro, há fortes semelhanças: o mesmo comprimento de cabelo e barba, o olhar mirando o horizonte, a orelha semi-encoberta, a testa à mostra, o queixo saliente em meio ao cavanhaque, o traço do nariz. O que diverge nas duas imagens é a postura dos ombros de Tiradentes: enquanto na cédula ele tem o tronco voltado para um lado e a cabeça para outro, na moeda do Real ele está numa postura típica de um busto de personalidade³⁵.

A única convergência que ousamos indicar com a moeda de cinco mil cruzeiros, de 1992, é a presença do triângulo. Se na primeira, ele aparece estilizado, formado pelas palavras “Liberdade, Cidadania e Tiradentes”, na segunda, ele está presente em sua forma tradicional, como na bandeira do estado de Minas Gerais. Além disso, é importante observar que nenhuma moeda da segunda família do Real contém texto além do nome da personalidade e do dístico “Brasil”. Contudo, é comum nas alusões a Tiradentes termos presente palavras indicando os supostos ideias da Conjuração. Como forma de driblar essa restrição ao texto na família, sem deixar de lado a simbologia que é peculiar ao personagem, o ilustrador responsável insere uma pomba, símbolo universal de paz e liberdade. Ou seja, a pomba faz o papel de texto, que pode ser lido com facilidade.

³⁴ CARVALHO, J. M. op. cit.

³⁵ O busto, para Maria Alice Milliet, desde a Antiguidade tem vida própria, substituindo o próprio personagem retratado. MILLIET, M. A. op. cit. p. 183.



O ilustrador Álvaro Martins, ao reproduzir na moeda de cinco centavos a efígie da cédula de cinco mil cruzeiros, retoma um hábito no numerário brasileiro de se autocopiar. Em 1989, foi lançada uma cédula de duzentos cruzeiros comemorativa ao centenário da proclamação da República. Também assinada pelo ilustrador Álvaro Martins, a cédula trouxe pela primeira vez a efígie da República que seria reproduzida em todas as cédulas de Real a partir de 1994 (Figura 10). A marca d'água da cédula comemorativa é uma efígie da República veiculada anteriormente nas notas de um cruzeiro (1970-1986)³⁶. Volta também a tradição da reprodução de pinturas de história no anverso, nesse caso, a tela de Pedro Bruno “A Pátria”.

Em 1992, o mesmo ilustrador assinou o trabalho gráfico da cédula de cem mil cruzeiros, que trazia um beija-flor no reverso. A mesma imagem preencheria, dois anos mais tarde, o anverso das notas de um real, também ilustradas por Martins (Figura 11).

Portanto, é crível que a imagem cunhada na moeda de cinco centavos do Real seja mesmo uma reprodução da efígie da cédula de cinco mil cruzeiros. Podemos chegar a essa conclusão por meio do cotejamento de ambas as efígies e também por identificarmos que há uma cultura de reedição de imagens na numismática brasileira.

6. CONCLUSÕES

Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, teve a sua primeira representação pictográfica no numerário nacional em 1963, em uma cédula de cinco mil cruzeiros. Essa cédula trouxe uma dupla representação do herói: no reverso, a imagem de autoria desconhecida analisada por Milliet³⁷; no anverso, a obra de Rafael Falco. Nessa família de cédulas, ele figurava ao lado de outros nomes proeminentes da história nacional, como Getúlio Vargas, Almirante Tamandaré, Barão do Rio Branco, Santos Dummont, etc.

Dezoito anos se passaram até que Tiradentes fosse novamente representado no numerário. A moeda comemorativa ao bicentenário da morte do conjurado de cinco mil

³⁶ <<http://www.bcb.gov.br/?CRUZ70>>, acesso em 08/07/2010.

³⁷ MILLIET, M. A. op. cit.



cruzeiros circulou por apenas um ano, pois em 1993 o Cruzado Real passou a ser a moeda corrente no país.

O Plano Real em 1994 foi a nova cartada do governo para amenizar os problemas inflacionários no país. Com isso, uma nova família de moedas e cédulas foi criada. Em 1998, uma segunda família é cunhada para assumir em caráter definitivo a representação dos centavos do Real. Ela recupera a tradição de representar os heróis nacionais no que há de mais confiável e oficial em uma nação: o dinheiro. A figura de Tiradentes é designada para ocupar o anverso da moeda de cinco centavos e volta a fazer parte do cotidiano dos brasileiros.

Entretanto, a popularização da imagem do mártir não durará muito mais. A tendência é que as moedas de baixo valor deixem de circular, pois perderam valor. Isso já aconteceu com a moeda de um centavo e tende a ocorrer também com a moeda de cinco. Ou seja, Tiradentes se encontra numa encruzilhada. Ao mesmo tempo em que sua imagem saiu do cenário comemorativo para voltar a circular irrestritamente, sua existência é ameaçada pela ordem tempo/valor que a segunda família das moedas do Real impôs. A sua banalização o levará a extinção, diferentemente com o que ocorre com a efígie da moeda de um real, que tem a cunhagem elevada, para substituir as cédulas de um real. Metaforicamente, a República apaga os seus símbolos mais antigos, mais distantes no tempo, e continua a reproduzir-se hegemonicamente.

Na medida em que são emitidas cédulas e moedas que estão atreladas à historiografia tradicional, triunfal, distante da realidade da população brasileira, o Banco Central e a Casa da Moeda do Brasil perpetram no imaginário social todas as construções feitas *a posteriori* dos acontecimentos, com o intuito de legitimar certas ações. Assim foi com Tiradentes. Já estamos na segunda década do século XXI e continuarmos a repetir um discurso escrito na última década do século XIX, quando era necessária a legitimação da República na sociedade, para qual Tiradentes foi protagonista no teatro dos símbolos, não no histórico.

É sintomático, entretanto, o apelo popular para a volta dos heróis oficiais às moedas. Se por vezes fazemos críticas a essa história distante do chão de fábrica, das favelas, das comunidades indígenas, dos campos, etc., são as parcelas da população residentes nesses locais que conclamam a volta dos heróis ao cotidiano. A volta



VEREDAS DA HISTÓRIA

1º Semestre de 2011
www.veredasdahistoria.com

Ano IV - Ed. 1 - 2011
ISSN 1982-4238

daqueles seres perfeitos que não erram e não podem nos decepcionar, pois estão presos no passado com seus feitos maravilhosos, como ilustra a fala supracitada de uma das projetistas do Real. Definitivamente, isso não é sinal da debilidade da sociedade brasileira. Esse fenômeno é a prova que os projetos elitistas de história já estão totalmente incutidos no imaginário social. Tal construção se tornou (R)real.



www.veredasdahistoria.com



7. ANEXOS



Figura 01: Cédula de cinco mil cruzeiros (1963-1974)



Figura 02: *Tiradentes ante o Carrasco*, por Rafael Falco, de 1941. Congresso Nacional

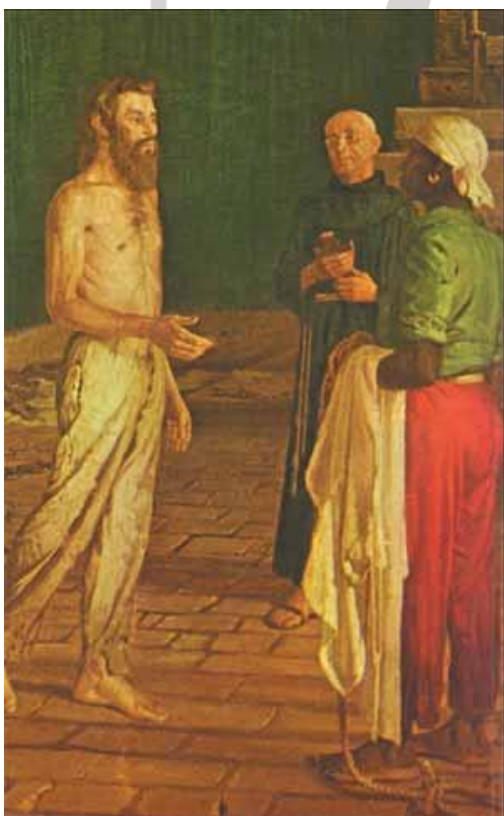


Figura 03: Destaque para Tiradentes ante o negro, na obra de R. Falco

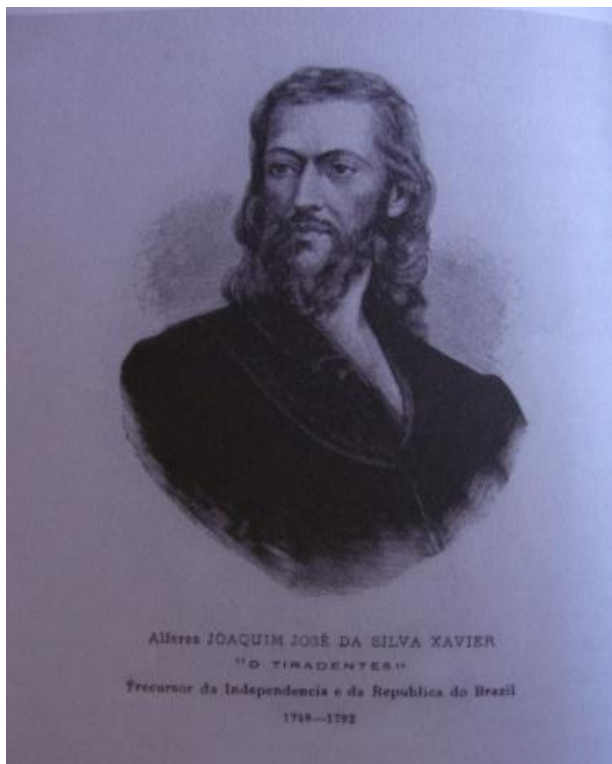


Figura 04: Crayon do Clube Tiradentes (MILLIET, 2001, p. 189)

Tiradentes ante a sentença, de Rafael Falco, 1941.

Acrílica sobre tela

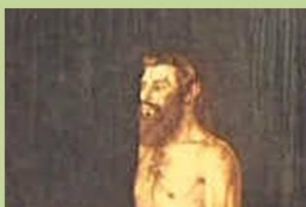
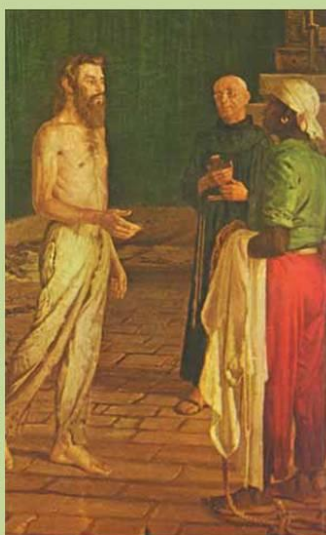


Figura 05: Quadro comparativo



VEREDAS DA HISTÓRIA

1º Semestre de 2011
www.veredasdahistoria.com

Ano IV - Ed. 1 - 2011
ISSN 1982-4238



da História

Figura 06: Moeda de cinco mil cruzeiros (1992-1993)



Figura 07: Litografia por Décio Villares, 1890. Igreja Positivista do Brasil



Figura 08: Moeda de cinco centavos de Real

www.veredasdahistoria.com



Moeda de cinco centavos de real (1998...)



Figura 09: Quadro comparativo entre moedas.

Exemplos de citações entre moedas



Figura 10: Quadro comparativo entre as cédulas

Outros exemplos de citações entre moedas



Figura 11: Quadro comparativo entre cédulas



8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUTOS DE DEVASSA DA INCONFIDÊNCIA MINEIRA. Brasília/Belo Horizonte: Câmara dos Deputados/Governo do Estado de Minas Gerais, 1982.

CARVALHO, José Murilo de. **A Formação das Almas**: o imaginário da República no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CHRISTO, Maraliz de Castro Vieira. "Algo além do moderno: a mulher negra na pintura brasileira no início do século XX". In: **19&20**, Rio de Janeiro, v. IV, n.2, abr. 2009. Disponível em: <http://www.dezenovevinte.net/obras/obras_maraliz.htm>, acesso em 06/05/2010.

_____. **Pintura, história e heróis no século XIX**: Pedro Américo e "Tiradentes Esquartejado". Campinas: Tese de doutoramento, UNICAMP, 2005.

GOMES, Ângela de Castro & KORNIS, Mônica Almeida. "Com a moeda no bolso: moeda e a República no Brasil". In: **Seminário Internacional "O Outro Lado da Moeda"**. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, pp. 107-134, 2001.

MAXWELL, Kenneth. **A Devassa da Devassa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 5ª ed, 2001.

MILLIET, Maria Alice. **Tiradentes**: o corpo do herói. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

NORBERTO, Joaquim. **História da Conjuração Mineira**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 1873.

SILVA JR., Amaury Fernandes da. **Uma Etnografia do Dinheiro**: os projetos gráficos de papel-moeda no Brasil após 1960. Rio de Janeiro: tese apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2008.

heitorloureiro@gmail.com

Recebido em: 19/10/2010

Aprovado em: 07/10/2011